

**CULTURA E MEMÓRIA:  
Fases e Escalas dos  
Estudos de Memória e o  
Desafio do Antropoceno**

CULTURE AND MEMORY: Phases  
and Scales of Memory Studies  
and the Anthropocene  
Challenge

CULTURA Y MEMORIA: Fases y  
Escalas de los Estudios de Memoria y  
el Desafío del Antropoceno

**Marcos Palacios<sup>1, 2, 3</sup>**

**RESUMO**

Este ensaio tem por objetivo estabelecer um breve recorrido cronológico e destacar uma divisão em fases dos Estudos de Memória, sugerindo-se que, presentemente, há algo de novo a ser confrontado no âmbito dessa área de pesquisa, exigindo uma inflexão no paradigma ora vigente, ou ao menos seu alargamento. Inicialmente traça-se um breve resumo das diferentes fases de constituição dos Estudos de Memória, enquanto um campo acadêmico específico e multidisciplinar, com ênfase em suas escalas de abrangência: local,

---

<sup>1</sup> É pesquisador/bolsista de Produtividade 1A do CNPq. Doutor em Sociologia pelo Center for Latin-American Studies do Departamento de Sociologia da University of Liverpool e B.A. (First Class Honours) em Sociologia (1975) pela University of Liverpool. Criador e coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online (GJOL) (UFBA). Professor Aposentado da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor e orientador do Doutorado em Comunicação da UFBA. Coordenou diversas pesquisas na área de formação em comunicação e jornalismo. É Professor Catedrático Visitante da Universidade da Beira Interior (Portugal). E-mail: [marcos.palacios@gmail.com](mailto:marcos.palacios@gmail.com).

<sup>2</sup> Endereço de contato do autor (por correspondência): Universidade da Beira Interior. R. Marquês de Ávila e Bolama, 6201-001 Covilhã, Portugal.

<sup>3</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentado na Mesa "Memórias e Sensibilidade: Cenários da experiência cultural contemporânea", realizada durante o IV Congresso Internacional sobre Culturas, entre 21 e 24 de novembro de 2018, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira.

nacional e global. Partindo-se de tal caracterização, uma quarta fase é sugerida, com a adoção de uma nova escala de construção da memória coletiva, com base no conceito de Antropoceno, cuja introdução traz consigo a necessidade de se ressituar os Estudos de Memória, agora em escala planetária. O texto está organizado em três partes: Antecedências, Incidências e Sequências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos de Memória; Memória Coletiva; Memória Social; Antropoceno; Ecologia.

#### **ABSTRACT**

This essay aims to establish a brief chronological overview and highlight distinctive phases of Memory Studies, suggesting that presently there is something new to be confronted within this field of research, requiring an inflection in the current paradigm or at least its enlargement. Initially, a brief summary of the different phases of constitution of Memory Studies as a specific and multidisciplinary academic field is presented, with emphasis on its scales of coverage: local, national and global. Starting from such a characterization, a fourth phase is suggested, with the adoption of a new scale of collective memory construction, based on the concept of Anthropocene, whose introduction brings with it the need to reposition Memory Studies, now on a planetary scale. The text is organized in three parts: antecedents, incidents and sequences.

**KEYWORDS:** Memory Studies; Collective Memory; Social Memory; Anthropocene; Ecology.

#### **RESUMEN**

Este ensayo tiene por objetivo establecer un breve recorrido cronológico y destacar una división en fases de los Estudios de Memoria, sugiriendo que, actualmente, hay algo nuevo que se enfrenta en el ámbito de esta área de investigación, exigiendo una inflexión en el paradigma actual, o al menos su ampliación. Inicialmente se traza un breve resumen de las diferentes fases de constitución de los Estudios de Memoria, como un campo académico específico y multidisciplinario, con énfasis en sus escalas de alcance: local, nacional y

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

global. A partir de tal caracterización, una cuarta fase es sugerida, con la adopción de una nueva escala de construcción de la memoria colectiva, con base en el concepto de Antropoceno, cuya introducción trae consigo la necesidad de resituar los Estudios de Memoria, ahora a escala planetario. El texto está organizado en tres partes: Antecedentes, Incidencias y Secuencias.

**PALABRAS CLAVE:** Estudios de memoria; Memoria Colectiva; Memoria Social; Antropoceno; Ecología

Recebido em: 19.03.2019. Aceito em: 20.05.2019. Publicado em: 01.07.2019.

Nature  
is contextual  
is interdependent  
is being and becoming  
is duration, succession & cycle  
is birth and death, growth and ageing  
is all of past & future gathered up in the present  
is rhythmic repetition with variation: invariability is death  
is re/production, regeneration and repair/healing  
is temporality, timing, tempo, intensity  
is internalised memory & history  
is finite & transcendent  
is multi-layered  
is creative  
is life

### **Antecedências**

Para não começarmos pelos mitos gregos que cercam a Memória (MARTINS, 2017, p. 32-34), nem tampouco regredirmos até Platão, Aristóteles, Marco Aurélio e Santo Agostinho (talvez o sistematizador da autobiografia enquanto forma de memória, pelo menos na Cultura Ocidental), adotaremos, desde logo, para estas Antecedências, o balizamento temporal que vai de finais do século XVIII à Contemporaneidade. Ou seja, recortaremos como escala temporal para estas reflexões o período histórico que se convencionou denominar Modernidade e se estende pela Modernidade Tardia ou Pós-Modernidade.

Ao longo desse período, vamos encontrar inúmeros precursores que - ainda que não possam ser categorizados como estudiosos da memória *stricto sensu* - com ela preocuparam-se, ao longo de suas obras.

Nessa categoria estão autores tão diversos como Edmund Burke, Alexis de Tocqueville, Nietzsche, Ernest Renan, Freud, Karl Marx, Durkheim, Karl

Mannheim, Walter Benjamin, Adorno, Marc Bloch, Roger Bastide, Claude Levy-Strauss, para ficarmos com apenas alguns dos mais conhecidos.

Poderíamos apresentar uma seleção de trechos de variados textos desses e de outros autores para ilustrarmos tais antecedências. Tal coleta e reprodução, além de afigurar-se por demais extensa para os parâmetros de um texto com as delimitações que para ele impusemos, seria ademais redundante, uma vez que tal tarefa já foi realizada, com a sistematização de material desse teor em publicações direcionadas especificamente para tal propósito, dentre as quais destacamos uma muito representativa coletânea (**The collective memory reader**) organizada por J. Olick *et al* e publicada em 2011, pela Oxford University Press.

Retenhamos, portanto, apenas a noção essencial de que, muito antes que se estabelecesse como um campo de estudo específico e multidisciplinar, a memória social ou coletiva (e ao longo deste texto usaremos indistintamente os dois termos) esteve sob escrutínio de pensadores de diversas áreas de conhecimento, das mais variadas linhas de pensamento. Em seu conjunto, esses autores ativamente participaram da construção daquilo que poderíamos chamar “os arcabouços de uma visão de mundo ocidental”.

Não havendo, portanto, necessidade de alargamento destas Antecedências, passemos diretamente à caracterização da formação de um campo específico de Estudos da Memória, buscando estabelecer sua cronologia, seus contextos de criação e suas escalas de abrangência e, por consequência, suas proximidades com os Estudos de Cultura, de modo geral. Entremos então pelas Incidências desta temática.

## **Incidências**

Com a Modernidade, balizada aqui com ponto de partida na Revolução Industrial, a formação dos Estados-Nações Modernos acentua a importância da memória coletiva como 'cimento' das novas identidades territoriais, em um mapa físico e cultural da Europa que vai sendo sucessivamente redesenhado. Como bem assinalado por Benedict Andersen (1991[1983]), o que chamamos 'nações' são, fundamentalmente, 'comunidades imaginadas', majoritariamente aglutinadas pela invenção de tradições (HOBBSAWN & RANGER, 1983), através de uma memória coletiva renovada e ajustada para as novas condições de existência dessas comunidades territoriais.

A máquina a vapor, possibilitando o descolamento da produção da dependência energética da água e dos ventos e, portanto, desterritorializando-a, traz consigo também uma Revolução nas Comunicações, com as ferrovias e os navios a vapor encolhendo as distâncias físicas e acelerando a circulação de pessoas, mercadorias e informações.

Juntamente com o declínio do mundo rural e a nova urbanização industrialista, a memória cada vez mais se externaliza, à medida que definham os últimos traços de um passado oral e camponês e avançava a alfabetização universal (JACKSON, 2005), delegando, definitivamente, ao texto jornalístico, às imagens fotográficas e ao nascente cinema, a tarefa de registrar, no plano pessoal e coletivo, o cotidiano de reis, burgueses e proletários, santos e monstros, legando testemunhos à posteridade.

Memória Social e História seguem rotas paralelas, mas não se confundem:

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

Uma vez que adquire a vivacidade e a consciência de grupos do passado, através de momentos irregulares e incertos, diferentemente da história, em que essas cronologias são separadas por épocas e períodos, a memória coletiva representa uma linha de pensamento contínuo nada artificial. Outro aspecto de diferenciação entre as duas é que a história busca uma narrativa única e universalista, enquanto as memórias coletivas são plurais, havendo tantas quanto forem os grupos, não buscando jamais a universalidade, pois não há memória universal, senão calcada em determinado tempo e espaço (MARTINS, 2017, p. 61)

Apesar de tais transformações trazidas pela Modernidade e seus impactos, a constituição daquilo a que legitimamente poderíamos chamar o campo acadêmico e disciplinar dos Estudos da Memória teria que esperar pela terceira década do século XX.

O termo memória coletiva foi cunhado por Hugo Van Hofmannsthal em 1902 (MARTINS, 2017, p. 59), porém uma primeira fase dos Estudos da Memória, de um modo sistemático, tem como marco o trabalho pioneiro de Maurice Halbwachs, que num texto de 1925 estabeleceu o conceito de memória coletiva. Para ele “memórias são inevitavelmente moldadas pelos contextos coletivos de cada um – família, religião, região, profissão, etc – contextos a que Halbwachs se referia como referenciais sociais da memória” (CRAPS *et al*, 2018, p.500).

Uma segunda fase desses estudos se abre, indubitavelmente, com a emergência do conceito de Lugares de Memória, a partir do trabalho seminal de Pierre Nora:

De 1978 a 1981 Nora promoveu um seminário na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Paris) que reuniu nomes expressivos do cenário intelectual francês para refletir sobre essas questões, tendo

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

como referência a memória e a identidade da França. A reflexão era oportuna, uma vez que os intelectuais franceses experimentavam a urgência de repensar o processo secular de construção da identidade nacional francesa e de sua contra face, a memória da França como nação, diante das novas realidades políticas e culturais trazidas pela proposta da União Europeia e dos novos desafios da globalização e do multiculturalismo (NEVES, 2008).

Os sete volumes publicados por Nora entre os finais da década dos 80 e início dos anos 90 do século passado, marcam definitivamente a consolidação da ideia do estado-nação como o quadro de referência primário para a construção de memórias coletivas. Entenda-se, no entanto, que tais Lugares de Memória (monumentos, museus, arquivos, símbolos, instituições) “longe de serem um produto espontâneo e natural, (...) são uma construção histórica (...) reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica”. São, “antes de mais nada, restos. [...] São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, [são] ilusões de eternidade” (NORA 1984, apud NEVES, 2008). Lugares de Memória só se tornam tal quando são objeto de um ritual que os investe dessa função, ainda que provisoriamente.

A virada do século XXI marca a abertura de uma terceira fase dos Estudos da Memória, caracterizada por uma oposição ao nacionalismo metodológico das duas anteriores. Os teóricos dessa nova fase alinham-se na perspectiva de que “a memória transcende fronteiras tão estreitas e portanto deve ser estudada desde uma abordagem transnacional, transcultural, global” (CRAPS *et al*, 2018, p. 500) .

“É como se o passado nevasse sobre nós”. Esta expressão, usada por Régine Robin, em 2003, ilustra metaforicamente a situação das sociedades



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

contemporâneas, “saturadas de memória” na visão da autora. Saturação de memórias que se multiplicaram exponencialmente com as mídias eletrônicas; memórias polifônicas e contraditórias, que disputam um lugar de existência e hegemonia, regidas pelo fantasma de “guardar tudo” que acompanha nossa imersão no mundo virtual. Acesso universalmente crescente a arquivos digitais e bases de dados, que encapsulam memórias grupais e pessoais não só de santos e monstros, mas também do “homem comum”, do “homem sem qualidades”.

Com a emergência e consolidação da Internet, um novo e altamente impactante elemento foi colocado em cena, no que diz respeito à chamada **Guerra das Memórias**. O conceito de Guerra das Memórias vem sendo discutido por historiadores desde algum tempo e, para alguns, o fenômeno - potencializado pelas redes digitais - tornou-se um elemento fundador do jogo de identidades nos quatro cantos do mundo (BLANCHARD & VEYRAT-MASSON, 2008, p. 23).

A Internet “é bem mais que um suporte inerte no qual a guerra de Memórias viria simplesmente se projetar ou exprimir. Além de reproduzir as clivagens tradicionais, a rede produz também novas condições de elaboração, de manutenção e confronto memorialista, que apenas começamos a compreender” (MERZEAU, 2008, p. 294). Às dimensões analíticas Locais/Regionais, Nacionais, que evidentemente não deixam de existir, vem somar-se a dimensão Global.

Uma avaliação plena das novas condições de produção de material memorialístico, requer a reformulação da questão dos conflitos de memória em termos de estratégias, de poderes e de territórios. Em nossos ambientes

informacionais, crescentemente concorrenciais, “os lugares de memória instituídos buscam cada vez mais manter seu monopólio, [...] ameaçado pelos novos dispositivos de uma memória distribuída” (MERZEAU, 2008, p. 296) e portanto globalizada.

Rapidamente pinceladas as três fases e escalas referenciais (Erl, 2011): locais/regionais, nacionais e globais para os estudos de memória na sociedade contemporânea, cabe perguntar se há algo de novo à vista, não sem antes advertir que não se trata aqui do estabelecimento de hierarquias entre esses níveis e escalas, menos ainda de ‘apagamentos’ de qualquer dessas instâncias. Propomos, inversamente, que estamos frente a uma articulação complexa e sempre fluida desses níveis de referência, situação que vem a se complexificar ainda mais com a adição de uma nova medida escalar.

Passemos então às Sequências, terceiro item deste ensaio. A pergunta que se coloca é: há algo de novo no horizonte dos Estudos da Memória?

Procuraremos mostrar que sim e que, para além do que até aqui se entende por Global, erige-se, doravante, a categoria de Planetário. Mudança de escala, mas principalmente de perspectivas de abordagem.

## **Sequências**

O novo no panorama dos Estudos da Memória social – que já se esboça como uma **quarta fase**, à luz das três anteriores - tem como parceiro os desafios gerados por um conceito que ainda não tem uma forma definitiva fixada.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

Trata-se do conceito de Antropoceno, uma nova Época, legível nos registros geológicos que vem sendo deixados pela ação geofísica coletiva da humanidade.

Explicitemos e vejamos que novidade é essa e porque é de interesse, no contexto dos Estudos de Memória.

Quando consideramos a história do planeta Terra, em termos das formas de vida que o habitaram e habitam, temos uma classificação universalmente aceita que estabelece os seguintes Eras Geológicas, desde a formação da Terra (há 4,5 bilhões de anos aproximadamente) até os dias atuais: Arcaica, Proterozóica, Paleozóica, Mesozóica e Cenozóica.

A mais recente, a Era Cenozóica (do grego *kainós*, recente e *zoon*, animal), vai de 655 mil anos atrás até os dias atuais e está por sua vez dividida em diversas Épocas: Paleoceno, Eoceno, Oligoceno, Mioceno, Plioceno, Pleistoceno e finalmente o Holoceno (do grego *holos*, inteiro/completo e *kainós*, recente), literalmente “total ou completamente recente”, dando ideia de fechamento do ciclo da Era Cenozóica.

O Holoceno inicia-se com o fim da última Era Glacial, ou Idade do Gelo, há 11,7 mil anos atrás, aproximadamente. O mundo, como fisicamente o conhecemos, bem como todos os animais com os quais convivemos e alguns que já foram extintos desde o aparecimento do *Homo sapiens* (há aproximadamente 10 mil anos) habitavam a Biosfera. O quadro geológico e biológico parecia de fato encerrado (**Tabela 1**).

<b>TABELA 1 – ERAS GEOLÓGICAS</b>		
<b>ERAS</b>	<b>ÉPOCAS</b>	<b>CRONOLOGIA</b>
<b>CENOZÓICO</b>	Holoceno	<i>655 Mil anos até dias atuais</i>
	Pleistoceno	
	<i>Plioceno</i>	
	Mioceno	
	Oligoceno	
	Eoceno	
	Paleoceno	
<b>MEZOZÓICO</b>	Cretáceo	250 Milhões até 655 Mil anos atrás
	Jurássico	
	Triássico	
<b>PALEOLÓZICO</b>	Pérmico	550 a 250 Milhões de anos atrás
	Carbonífero	
	Silúrico	
	Ordovícico	
	Câmbrico	
<b>PROTEROZÓICO</b>		2,5 Bilhões a 550 Milhões de anos atrás
<b>ARQUEOZÓICO</b>		c. 4 Bilhões de anos atrás
Fonte: Elaboração própria		

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

A novidade é a proposta de subdivisão do Cenozóico em mais uma Época: o Antropoceno (**Tabela 2**).

<b>TABELA 2 – A PROPOSTA DO ANTROPOCENO</b>		
<b>ERAS</b>	<b>ÉPOCAS</b>	<b>CRONOLOGIA</b>
<b>CENOZÓICO</b>	Antropoceno	A partir de ?
	Holoceno	655 Mil anos até ?
	Pleistoceno	
	Plioceno	
	Mioceno	
	Oligoceno	
	Eoceno	
	Paleoceno	
Fonte: Elaboração própria		

O conceito, segundo o professor e pesquisador em geografia humana no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), Wagner Costa Ribeiro, diz respeito à “possibilidade de identificar nas ações humanas uma capacidade de transformação importante que afeta processos de origem natural no planeta (...)” (RODRIGUES, 2017, p. 20).

A paternidade do conceito é ainda objeto de disputa (RODRIGUES, 2017), mas ele passa a ter forte circulação depois de sua utilização pelo químico Paul Crutzen, em um artigo de 2002 (CRUTZEN, 2002).

Para Crutzen:

(...) o Antropoceno começou na última parte do século XVIII, quando análises de ar aprisionado em gelo polar mostraram o início de crescentes concentrações globais de dióxido de carbono e metano. Esta data também coincide com a invenção do motor a vapor por James Watt, em 1784 (CRUTZEN, 2002, p.23).

Introduzir o Antropoceno como uma nova Época Geológica significa enfatizar o papel central do homem na modificação e (des)equilíbrio da Terra e trazer para o debate e a análise uma dimensão a mais nos horizontes da Memória de nosso modo de existir e, portanto, de nossa Cultura.

Trata-se, portanto, de uma modificação da relação entre a espécie humana e o meio ambiente:

(...) através de mudanças climáticas influenciadas pela ação humana, introdução no ambiente continental e marinho de materiais (como plásticos, concreto e alumínio), fertilizantes (que têm incrementado as concentrações de fósforo e nitrogênio), poluentes derivados de atividades de mineração (...) que têm modificado também o ambiente físico (...) e radioisótopos derivados de testes nucleares (que têm deixado marcas nos sedimentos e no gelo)" (SILVA et al, 2018, no prelo).

Muitas dessas mudanças são geologicamente duradouras e algumas efetivamente irreversíveis (ZALASIEWICZ *et al.*, 2017)

Apesar da circulação e aceitação do conceito, ainda não há consenso quanto ao marcador inicial da proposta nova Época. As opções possíveis vão

desde a Extinção da Megafauna (mastodontes, elefantes europeus, preguiças gigantes, gliptodontes, toxodontes, etc) por ação do Homem (entre 50 mil e 10 mil anos atrás), o início da Agricultura (cinco mil anos atrás), a Revolução Industrial (finais do século XVIII), até o advento da Energia Nuclear e o uso de Novos Materiais Persistentes no Meio Ambiente (meados do século XX).

O consenso existente é quanto à utilidade do novo conceito e a oportunidade de sua introdução. Uma decisão final em relação à sua delimitação temporal deve ser tomada com base nas proposições de um Grupo de Trabalho (GT) do International Geological Congress, que se debruça sobre o tema desde 2009.

As recomendações mais recentes do GT apontam meados do século XX, o momento conhecido como o início da "Grande Aceleração", como o marcador mais provável a ser adotado (ZALASIEWICZ *et al.*, 2017):

(...) [a] "Grande Aceleração" é marcada por uma forte expansão na população humana, marcantes mudanças nos processos naturais e o desenvolvimento de novos materiais, de minerais a plásticos, a poluentes orgânicos persistentes e compostos inorgânicos. Entre essas muitas mudanças, a contaminação (fallout) global pelos testes de bombas nucleares foi proposta como um marcador de horizonte de eventos global (LEWIS & MASLIN, 2015, p. 176).

Seja qual for a datação que venha a ser oficialmente estabelecida pela Geological Society, o fato é que o conceito de Antropoceno mais uma vez tensiona a maneira como consideramos a escala dos Estudos da Memória em relação à Cultura. Como vimos nas **Incidências**, nas três fases até aqui arroladas, transitamos do Local/Regional, para o Nacional, depois para o Global

e agora abre-se uma escala que poderíamos chamar de Planetária, em que as dimensões geológicas, sociais e ecológicas se fundem e se confundem:

Até recentemente, o estudo das eras, épocas e períodos geológicos importava pouco para o restante dos campos de conhecimento e, certamente, importava menos para os leigos. Entretanto, se a revolução copernicana já foi capaz de transformar a visão humana sobre o ambiente em que vive, agora não há como deixar de compreender criticamente como o ser humano está implicado nos destinos do planeta. (...) o tema do Antropoceno, nos últimos anos, deixou de ser privilégio dos especialistas, espalhando-se por várias áreas do conhecimento, inclusive das artes, e repercutindo cada vez mais intensamente nas mídias informativas, tais como jornais, revistas, TV e internet (SANTAELLA, 2015, p. 49).

Apesar de – inicialmente - a decisão de introduzir ou não uma nova Época na classificação geológica dizer respeito mais diretamente a paleontologistas e estratigrafistas, o alcance do assunto foi se tornando tão vasto que os membros do GT do Antropoceno no International Geological decidiram que:

(...) como o conceito do Antropoceno não se limita apenas ao tempo geológico, mas envolve também uma avaliação do impacto humano sobre o Sistema Terrestre através de registros históricos e instrumentais, foi considerado adequado incluir representantes da comunidade que trabalha no processos de mudança global contemporânea, incluindo ciência do clima, ecologia, arqueologia, história humana e história da ciência, oceanografia, ciência polar e até mesmo direito internacional (ZALASIEWICZ *et al*, 2017, p. 56)

Os horizontes teóricos e metodológicos abertos pela difusão e adoção do conceito de Antropoceno leva-nos a concordar substancialmente com Stef Craps quando afirma que:



Sem querer sugerir que a última palavra sobre memória transnacional, transcultural ou memória global já tenha sido dita, penso que pode ser argumentado, com alguma justificativa, que estamos testemunhando agora o advento de uma nova quarta fase nos estudos da memória: uma fase reclamada pela nossa crescente consciência do Antropoceno, que leva a expansão escalar gradual que caracterizou as [três] fases anteriores para um nível totalmente novo (...) (CRAPS, 2017, p. 500).

Dada a imbricação de mundos e sistemas humanos e não humanos descritos pelo Antropoceno, “os estudos da memória precisam adotar uma postura pós-humanista, pois caso contrário estarão circunscritos pela teorização normativa da reconstituição simbólica da memória da vida humana e dos mundos humanos” (COHEN 2012, apud CROWNSHAW, p 175), sem possibilidade de incorporação das informações reveladas pelos estratos de memória do Planeta que agora se oferecem ao nossos olhares e à nossa análise.

Com a consciência dessa nova Época geológica, a memória começa a ser pensada por alguns autores como uma “eco-memória multidirecional, encorajando investigadores a explorar as emaranhadas relações entre a espécie humana e os demais seres vivos, em sua luta por sobrevivência, reconhecimento e justiça” (KENNEDY, 2018, p. 506).

A tecnosfera gera uma memória inconsciente, não uma memória que fica oculta apenas para ser divulgada ao longo do tempo com uma expansão de escala, mas uma “memória” que se destaca para formar outra vida ou contra-vida (...) O Antropoceno confirma a noção do inconsciente como outro lugar – [neste caso] não alguma camada profunda da mente, mas como todo um sistema ativador de traços, simultaneamente preservador e destruidor (COLEBROOK, 2018, p. 508).

O desafio do Antropoceno está lançado. Trata-se de fazer-se uso de um novo tipo de arquivo, os arquivos estratigráficos, nos quais estão registrados aspectos cruciais da atividade humana e seus efeitos. Somado aos já existentes e utilizados, esse novo cabedal de informações deve ajudar-nos a melhor compreender a memória total de nossa espécie e os rastros que vamos deixando na superfície e nas profundidades do Planeta.

Paradoxalmente, os efeitos da atividade humana sobre as condições de habitabilidade e mesmo sobrevivência da vida no Planeta não se distribuem da maneira homogênea. Sua negatividade pode anunciar-se inicialmente justamente sobre regiões habitadas por populações que pouco ou nada contribuíram para a geração dos desequilíbrios e ameaças observados. De acordo com Crutzen (2002, p.23) a totalidade de tais efeitos “até o momento foram causados por apenas 25% da população mundial”.

A incorporação dessa Memória Planetária aos Estudos que se debruçam sobre as Memórias Nacionais e Globais não se limita a reconhecermos a existência de mais uma Fase e de mais uma escala de abrangência na história desses estudos. “O Antropoceno é um grande golpe à negligência, é o retorno da memória das coisas, a presença e atualidade do esquecido” (CARVAJAL, 2006, p.28), reclamando uma necessária abordagem interdisciplinar dos Estudos de Memória e a busca de uma nova compreensão das consequências de nosso modo de produzir e distribuir riquezas sobre a face da Terra. E esse ‘retorno da memória das coisas’ manifesta-se em uma escala que vai do universal ao individual, sendo detectável em nossos corpos, por exemplo, pelos níveis – mais altos ou mais baixos, a depender de onde se viva – de resíduos de agrotóxicos

organofosforados em nosso sangue, ou mesmo no leite materno, e de micropartículas de plástico na carne dos peixes que ingerimos.

Em sua importante encíclica **Laudati Si**, de 2015, o Papa Francisco alertou que:

A crítica do antropocentrismo desordenado não deveria deixar em segundo plano também o valor das relações entre as pessoas. Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais (Papa Francisco, 2015)

Se continuarmos a ignorar a necessidade dessa convergência entre Memória do Homem e Memória do Planeta, corremos sério risco de voltarmos ao pó - seja de terra, seja de estrelas - do qual viemos, "engolidos pelos oceanos num piscar de olhos. E nenhuma estrela do universo chorará uma só lágrima por nós" (Hague, 2018).

### Referências

ANDERSEN, B. **Imagined communities**: Reflections on the origin and Spread of Nationalism. *New York: Verso*, 1991 [1983].

BASTIDE, R. **Les religions africaines au Brésil**: Vers une sociologie des interpénétrations de civilisations. Paris: Presses Universitaires de France, 1960 (Edição brasileira pela Editora Pioneira, 1971).

BLANCHARD, P.; VEYRAT-MASSON, I. (Orgs). **Les Guerres de mémoires**. La France et son histoire. Paris: La Decouverte/Poche, 2008.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

CARVAJAL, Y.. Antropoceno. **Nuevos Folios de Bioética y Pensamiento Biomédico**, 19: 23-30, Santiago, 2016.

COLEBROOK, C. The intensity of the archive, in: CRAPS, S. *et al.* Memory studies and the Anthropocene: A roundtable, **Memory Studies**, Vol. 11(4) 498 –515, 2018.

COHEN, T. Introduction: Murmurations – Climate Change and the Defacement of Theory, in Id. (ed.), **Telemorphosis: Theory in the Era of Climate Change**, vol. 1, Open Humanities Press, 13-42, 2012.

CRAPS, S. *et al.* Memory studies and the Anthropocene: A roundtable. **Memory Studies**, Vol. 11(4) 498 –515, 2018.

CROWNSHAW, R. Memory and the Anthropocene. **Auschwitz Foundation International Quarterly**, 119, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/temoigner/1492>>. Acesso em: 15 oct. 2018.

CRUTZEN, P.J. Geology of mankind. **Nature** 415, 23, 2002.

ERLL, A. Travelling Memory. **Parallax**, v. 17, n. 4, p. 4–18, Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13534645.2011.605570>>. Acesso em: 12 oct. 2018.

FRANCISCO (Papa). **Encíclica Laudamis Si**, Vaticano, 2015. Disponível em <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html) > Acesso em 17 oct. 2018.

FROSH, P. & PINCHEVSKI, A. (Orgs). **Media Witnessing: Testimony in the age of mass communication**. . Basingstoke: Palgrave/Macmillan, 2009.

GRUSIN, R. (ed.) **The Nonhuman Turn**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

HAGUE, U. The age of the imbecile. The World is Turning Catastrophically Stupid. Here's How Not to Join It. **Eudaimonia**, March 2018. Disponível em: <https://eand.co/the-age-of-the-imbecile-c52ee205d94c>. Acesso em 17 oct. 2018.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**, Walter de Gruyter, 1976 [1925].

HOBBSAWM, E. & RANGER, T. (ed.). **The invention of tradition**. Cambridge: University Press, 2012 [1983]

JACKSON, H. J. **Marginalia**. Readers writing in books. New Haven and London: Yale University Press, 2001.

KENNEDY, R. (2018) Species extinction, multidirectional eco-memory, and advocacy, in: CRAPS, S. *et al.* Memory studies and the Anthropocene: A roundtable. **Memory Studies**, Vol. 11(4) 498 –515, 2018.

LEWIS, S. L.; MASLIN, M. A. Defining the Anthropocene. **Nature**, 519, 171, 2015.

MARTINS, A. V. **Guerras de memórias e os 50 anos do golpe de 1964: midiatização do passado em especiais do jornalismo digital**, Tese Doutoral, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, FACOM/UFBA, 2017. Disponível em <https://goo.gl/Bv37KY>. Acesso em 19 nov. 2018

MERZEAU, L. Guerre de mémoires on line: un nouvel enjeu stratégique? *l/r*. BLANCHARD, Pascal; VEYRAT-MASSON, Isabelle (Orgs). **Les Guerres de mémoires**. La France et son histoire. Paris: La Decouverte/Poche, 2008. p. 287-298.

NEVES, M. S. *Lugares de Memória da Medicina no Brasil*, 2008. Disponível em < <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/frame.htm>.>. Acesso em 12 out. 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p749>

NORA, P. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In NORA, P. (org). **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, Vol 1 La République. pp. VII a XLII. p. XXIV, [1984].

OLICK, J.;VINITZKY-SEROUSSI,V.;LEVY, D. **The collective memory reader**. Oxford: Oxford University Press on Demand, 2011.

ROBIN, R. **La Mémoire Saturée**. Paris: Editions Stock, 2003.

RODRIGUES, M. O Antropoceno em disputa. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 69, n. 1, p. 19-22, Mar. 2017. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252017000100010&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 Oct. 2018.

SANTAELLA, Lucia. A grande aceleração & o campo comunicacional. **Intexto**, 34: 46-59, 2015.

SILVA, C. M. *et al.* A Nova Idade Meghalayan: O que isso Significa para a Época do Antropoceno? **Rev. Virtual Quim.** [S.l: s.n.], 2018. Disponível em: <<http://rvq.s bq.org.br>>. Acesso em 12 oct. 2018.

ZALASIEWICZ, J.et al. The Working Group on the Anthropocene: Summary of evidence and interim recommendations. . **Anthropocene** 19, 55–60, 2017